

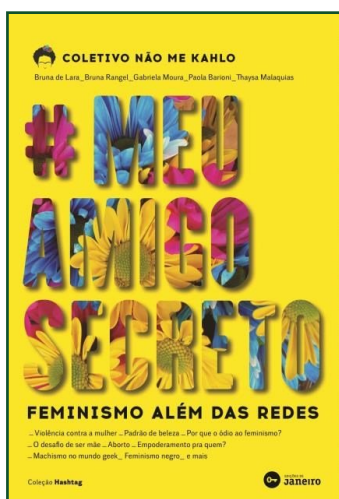
ISSN 2525-6904



RESENHAS

LARA, Bruna de; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa (Org.). **#Meuamigosecreto - Feminismo Além Das Redes - Coletivo Não Me Kahlo**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

Joyce Sangoletе CHAIMSOHN, *Universidade Federal da Bahia*



O livro *#MeuAmigoSecreto* (Rio de Janeiro, 2016) é de autoria do Coletivo Não Me Kahlo e faz parte da Coleção Hashtag. Foi publicado pela editora Edições de Janeiro. A hashtag *#MeuAmigoSecreto* foi criada em novembro de 2015, com a intenção inicial de chamar a atenção para o machismo daqueles que são próximos (desmistificando a noção de que os agressores são sempre pessoas desconhecidas). Passou a ser utilizada para se falar, de forma indireta, sobre os abusos que mulheres sofrem por pessoas próximas, em tom de denúncia.

Fora do ciberativismo, o Coletivo Não Me Kahlo levou para as páginas do livro artigos que apresentam temas importantes do feminismo, relacionando os mesmos a alguns *tweets* da *hashtag*. Na conta do Coletivo no Twitter, o primeiro tweet publicado foi: “Meu amigo secreto diz que aborto é assassinato, mas pediu para a namorada abortar quando engravidou”. Esse tweet abre o artigo sobre o aborto. Ao longo do livro percebemos como o abuso é uma prática naturalizada e bastante comum... infelizmente.

O livro reúne vários artigos, que embora não sejam acadêmicos foram baseados em diversas pesquisas, com o objetivo de aprofundar nos temas que surgiram durante a discussão da hashtag. As autoras abordam pautas que consideram as mais importantes no momento: aborto,

racismo, maternidade, padrão de beleza, sexualização feminina, violência contra a mulher, machismo no mundo geek, feminismo negro e o porquê do ódio ao feminismo. Esses são alguns dos temas no livro que se divide em doze artigos, elaborados de forma conjunta pelas integrantes do coletivo. Conta também com o prefácio escrito por Djamila Ribeiro, além de uma apresentação realizada pelas autoras: Bruna de Lara¹, Bruna Rangel², Gabriela Moura³, Paola Barioni⁴ e Thaysa Malaquias⁵.

O primeiro capítulo - *Construção da feminilidade: a naturalização dos papéis de gênero* - introduz, acertadamente, as discussões, começando pelo processo de socialização, responsável por construir os papéis de gênero. Os comportamentos considerados naturais ou imprimidos como parte de uma “essência feminina” são, na verdade, construções sociais, - frutos de processos históricos e culturais. Usando a frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher” como primeiro tópico do artigo, as autoras explicam como acontece essa construção social, e como a naturalização dos traços que caracterizam de forma generalista homens e mulheres, serve como tentativa de justificar o domínio do homem sobre a mulher.

O segundo tópico vai detalhar sobre como acontece a inscrição do gênero nos corpos. Elas dialogam com os estudos de Michel Foucault e o que ele chama de sociedade disciplinar, procurando entender como o poder se manifesta na esfera subjetiva, e como se interiorizaram comportamentos que transformariam os indivíduos em corpos dóceis, disciplinados.

1 Estudante de Jornalismo da UFRJ e integrante do Livre de Abuso – projeto de conscientização sobre relacionamentos abusivos.

2 Advogada, bacharel em Direito pela Universidade de Brasília e pós-graduanda em Sociologia e Cultura pela PUC-Rio; idealizadora e integrante do Advogados Feministas.

3 Relações públicas pela Universidade Estadual de Londrina; estudou cultura e idioma árabe, e Sociopsicologia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Atua com comunicação, marketing digital e pesquisa o feminismo negro. Autora do blog Nada Sob Controle e palestrante sobre feminismo e mulheres na comunicação.

4 Bacharel em Direito pela Universidade Estácio de Sá. Milita no feminismo interseccional e geek.

5 Mestranda em Teoria, História e Crítica pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formada em Arquitetura e Urbanismo. É sócio-fundadora do escritório ARQz Arquitetura. Ministra palestras e entrevistas acerca de temas inerentes ao feminismo.

Passando por tópicos que discorrem sobre a desvalorização do feminino, e da mulher como “o Outro” (usando o termo de Simone de Beauvoir), concluem o capítulo com “O problema do gênero”, onde percebemos que o entendimento do gênero como construção social é fundamental para que os papéis e condutas tradicionalmente designados a homens e mulheres possam ser mudados. Afinal, a naturalização do gênero é essencial para a manutenção do imaginário social que coloca homens acima de mulheres. (p.32)

No seguinte capítulo, tratam do surgimento de um feminismo negro que busca promover espaços e debates sobre essa camada da população ainda ignorada, propondo, assim, que essa análise possa ser uma abertura para uma nova forma de ver a luta das mulheres no Brasil. Neste capítulo, o coletivo destaca a importância da mulher negra como sujeito político, trazem figuras como Sojourner Truth, que com seu discurso “E eu não sou uma mulher?” (1851), nos ensinava que não era possível falar em mulher como um sujeito único.

As autoras abordam o conceito de interseccionalidade -cunhado por mulheres negras- e enfatizam que essas mulheres buscam, além de possibilidades emancipatórias para seu grupo, outro modelo de sociedade. Mostram-nos, assim, como classe, raça e gênero se entrecruzam e se combinam, gerando outras formas de opressão, e nos ensinam que não é possível hierarquizar as opressões - uma vez que elas estruturam as relações sociais.

No artigo *Empoderamento: da luta antissistêmica ao feminismo apolítico* as autoras trazem à narrativa o contexto neoliberal onde ganha força a noção de que cada indivíduo é o único responsável por sua própria vida; explicam como o discurso neoliberal se apropria do feminismo estampando na publicidade a ideia da mulher moderna, forte, dona de si, enfim, empoderada. Dito isso, apontam alguns problemas nesse discurso, como a normatização da dupla jornada de trabalho, e criticam a falsa ideia de que, como grupo, as mulheres de fato “chegaram lá”, mas a realidade de mulheres em cargos de poder, por exemplo, é bem diferente – mulheres continuam ganhando menos, aumentam as taxas de desemprego feminino, e são as maiores vítimas de assédio.

“O pessoal é político” título de um artigo da feminista Carol Harnsh, é citado como um slogan do movimento feminista da segunda

onda⁶, que criticava a visão vigente de que questões como a sexualidade feminina, o aborto e a violência doméstica não pertenciam ao debate político, mas sim ao âmbito privado (p. 57-58). E é com a afirmação “o sexo é sempre político” que se inicia o seguinte artigo - *Sexualidade: além do binômio “santa” ou “puta”*.

Neste artigo é abordado como (com uma atribuição de papéis diferenciados conforme o sexo) a socialização e o controle da sexualidade, da fertilidade e da reprodução funcionam como mecanismos de controle e manutenção do equilíbrio das relações capitalistas e patriarcais. Narra-se sobre a história da sexualidade da mulher e suas conquistas e evidencia-se que a sexualidade, a feminina em especial, foi, e ainda é, objeto de interdição em vários campos.

No tópico “Repreensão da sexualidade feminina e seus danos”, são apresentados, através de dados e gráficos coletados em diversas pesquisas sobre a sexualidade feminina, como ocorrem esses danos nas relações sexuais, e as consequências na sua autoimagem, a partir de questões históricas. O objetivo é discutir com seriedade todas essas questões históricas e psicossociais – enfocando a identidade, o comportamento sexual, sobretudo quanto aos aspectos culturais, e as crenças contraditórias – procurando assim revelar a verdadeira realidade que permeia esse tema.

A pergunta “Toda mulher nasce para ser mãe?” abre o primeiro tópico do artigo *Desmistificação da maternidade: o verdadeiro sentido de ser mãe*, no qual as autoras buscam desmistificar a naturalização do amor materno e o essencialismo da maternidade, e chamam a atenção para a imagem socialmente construída do que é ser mãe, e dos desafios enfrentados com a maternidade. Algumas narrações históricas apresentadas e relatos chocantes revelam que a exaltação ao amor materno (ou a ideia que hoje em dia temos dele) é algo relativamente recente.

As feministas pensam a maternidade como algo relacionado às construções sociais que envolvem o tema, que vão além dos aspectos relacionados ao corpo como a gestação, o parto e a amamentação. Neste sentido, as autoras apontam, por um lado, que o molde no qual se constrói a maternidade muitas vezes é visto como algo indissociável do

6 No prefácio, Djamila Ribeiro discorre sobre a primeira, segunda e terceira onda dentro do feminismo. Na segunda onda se dá a luta pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual.

casamento com um homem (p. 122). Por outro lado, mesmo que o casamento não seja mandatório para a mulher que engravidou, a classificação “mãe solteira”, e a forma como essas mulheres são tratadas mostram uma crueldade social. Evidencia-se a desvalorização das atividades de maternagem e denunciam-se violências obstétricas mais comuns na gestação e no parto; no final do artigo defendem que desfazer os mitos que envolvem a maternidade, “significa nos ver como pessoas” (p.137).

No artigo *Meu corpo, regras alheias*, busca-se desmistificar alguns pontos de senso comum sobre o aborto e convidar o leitor a uma reflexão necessária e honesta sobre a questão. Quando se fala, por exemplo, em autonomia para decidir sobre o próprio corpo, fala-se de um “direito, visto de uma perspectiva individual e como uma questão de saúde pública, que deve ser assegurada qualquer que seja o caso, inclusive se a gravidez tiver sido resultado de uma relação sexual desprotegida”. (p. 152). Trata-se de dar à mulher o direito de escolha. Um dos principais pontos que elas colocam no artigo é que a desinformação conta com a dificuldade de se entender a diferença entre defender o aborto e defender a descriminalização do aborto. Afinal de contas, é possível ser contra o aborto e ser a favor da sua descriminalização. (p. 155).

Ao falar da cultura de estupro - no capítulo *Cultura do estupro: uma forma de violência simbólica*⁷ - evidencia-se como as mulheres ainda vivem em uma cultura arraigada que naturaliza desde cantadas cotidianas até a violação do corpo, por tanto, vivem uma realidade de medo, onde não têm direito ao espaço público. Neste artigo, as autoras realizam uma análise que caminha no sentido de mostrar como a cultura do estupro- “uma violência simbólica que consiste na justificação, na tolerância ou no estímulo do estupro”- (co) existe em uma cultura que rejeita criminalmente o estupro (p. 165). Destaca-se a importância de falar disso, de quebrar o silêncio e denunciar os mecanismos criados para culpabilizar às vítimas de violência.

Logo em seguida, quando dedicam um capítulo à questão da violência contra a mulher - *Violência contra a mulher: até que a morte [dela] os separe* - nos mostram os dados alarmantes no que diz respeito à violência que as mulheres sofrem cotidianamente. O feminicídio é a

7 #MeuAmigoSecreto diz que mulher feia deveria ficar agradecida por ter sido estuprada e que seu estuprador não merece cadeia, merece um abraço.

face mais grave de uma série de comportamentos que uma mulher pode ser submetida, e geralmente os atos violentos começam por sutis manifestações de controle. De maneira detalhada, enumera quais são os variados tipos de violências - que muitas vezes não são encaradas como tal- às quais as mulheres estão submetidas, desde a física até a psicológica, e os diferentes tipos de abuso tais como abuso emocional, sexual, financeiro, entre outras.

No capítulo sobre padrão de beleza - *Padrão de beleza: a feminilidade em moldes patriarcais e a gordofobia* - vê-se como a criação de um padrão do que é belo violenta mulheres, pois as coloca na posição de serem vistas e aprovadas pelo olhar masculino, estando mais uma vez no lugar do Outro, e sem possibilidade de se definir. As autoras abordam as evoluções da representação social do que é beleza – que modela o padrão preponderante da época e da cultura - em várias sociedades e períodos históricos, e procuram entender quais foram esses padrões, por que se definiram de determinada maneira e por quem foram estabelecidos. Se há uma construção do belo, há uma construção do desejo; deseja-se quem é considerado belo, assim, pensar essa conexão é essencial para desmistificar a naturalização desses papéis. Neste sentido, também é papel do feminismo combater imposições de padrões estéticos e formas de discriminação como a gordofobia.

Referindo-nos ao seguinte capítulo - *Mulheres e comunicação: um cenário que não desce redondo* – mais uma denúncia: a de que a publicidade brasileira viola sistematicamente a dignidade humana colocando a mulher em posição de inferioridade, ignorando negras e indígenas e desvalorizando a diversidade sexual. (p.216). Entende-se que as nuances gênero, classe e raça, justificam o feminismo interseccional como política de investigação de diferentes realidades sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho. Nesse contexto, esses três itens servem para explorarmos a pouca diversidade dentro das agências, o que resulta em campanhas que não contemplam os indivíduos e não contemplam suas particularidades, e nas quais o machismo e o racismo são naturalizados. (p.219).

Outra questão importante abordada no livro é: o mundo geek – que é ainda tão misógino e masculino; de fato, é completamente desfavorável para a mulher o mercado de trabalho nesse ramo. O artigo fala da importância de, nesse espaço, a mulher não ser mais definida pelo olhar do homem, não ser mais o Outro.

No último capítulo desenvolve-se uma reflexão sobre o porquê do ódio ao feminismo, onde se percebe que o discurso de ódio e os ataques pessoais, feitos lançando mão de xingamentos, ameaças e insinuações de insanidade, piadas ofensivas, têm por objetivo deslegitimar o movimento feminista.

Podemos identificar que existe uma ideia bastante equivocada do que é o feminismo, por isso muitas pessoas ainda tendem a rejeitá-lo (acreditam que feminismo é contrário ao machismo, e que o movimento prega alguma espécie de ódio, uma limitação da liberdade da mulher). O certo é que toda ação feminista traz a reboque uma reação conservadora de manutenção do *status quo*. As autoras concluem com o que parece ser a chave principal do livro, mostrar que o feminismo é ainda extremamente necessário e continuará sendo enquanto perdurarem as desigualdades de gênero – e existem muitas. Elas afirmam que mesmo depois disso, o feminismo será necessário para evitar retrocessos (se consideramos que além de criarem barreiras à luta, o que o feminismo conquista é sempre posto de volta na berlinda).

O último capítulo do livro traz reflexões que servem como uma conclusão e destaca a importância do falar, discutir, refletir, escrever sobre feminismo. Afinal, os estudos feministas são necessários para pensar novos modelos de sociedade e possibilidades de emancipação para as mulheres.

Apesar dos artigos não seguirem uma sequência linear ou diretamente relacional, podendo inclusive ser lidos na ordem que o leitor desejar, é possível identificar o objetivo comum que liga todos eles: a desconstrução do machismo. Um ponto importante é a abrangência dos temas discutidos, já que a pluralidade de vozes e temas enriquece a obra que, como diz Djamila no prefácio do livro, se mostra uma ferramenta importante de informação, conhecimento e, sobretudo, empoderamento (p.12).

O livro *#MeuAmigoSecreto* alcança os objetivos propostos pelas autoras de construir um material completo, profundo, com uma linguagem acessível e útil para a compreensão das complexidades contidas em cada um desses temas. A leitura pode ser ideal para aqueles que querem começar a ler sobre o feminismo, e como resultado, o livro está chegando a mãos não só de estudiosos dessas questões, mas de um público diverso como adolescentes, o qual amplia o aspecto do conhecimento. Concordo com que a partir dessas compreensões é

possível... e necessário!... ampliar e continuar esse debate tão relevante acerca do feminismo.

Referência Bibliográfica

LARA, Bruna et al. [Coletivo Não Me Kahlo]. *#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.